O último garimpeiro da Foz do Cobrão

Luís Francisco – Público, 6 de Novembro de 2011

O ouro que por ali se apanhava nunca foi suficiente para o sustento das famílias. Manuel Ribeiro Gonçalves avança pelas pedras com a segurança de quem já as pisa sem ver. "Aqui não se apanha nada, se fosse lá mais abaixo...", avisa, como que para arrefecer os ânimos. Mas não vale a pena ir mais para baixo, onde as margens do rio se tornam escarpadas e complicam o acesso à água. Serve mesmo aqui, mostre lá então como se faz. E ele mostra. Cava o areão, lava-o vigorosa mas meticulosamente na sua velha bateira. No meio do resíduo final, há alguns pontinhos que soltam lampejos amarelos à luz do sol. Ouro!

São pequeníssimas partículas, difíceis de catar à unha por entre a pasta escura que se formou no fundo do recipiente de madeira. Parece mesmo... "Mas não é ouro. É minério, mas não é ouro", garante o velho mestre com um sorriso que se adivinha trocista perante a excitação dos visitantes. Ele sabe do que fala: aos 85 anos, é o último sobrevivente dos garimpeiros da Foz do Cobrão.

Por que razão esta aldeia do concelho de Vila Velha do Ródão, encavalitada na confluência do rio Ocreza com a ribeira do Cobrão, adoptou em tempos a tradição de peneirar as areias para encontrar o mais mágico dos metais é coisa que ninguém sabe explicar. Existe ouro em todos os afluentes da margem norte do Tejo, há muitas aldeias por ali. Mas só na Foz do Cobrão se levou a sério este ritual que parece saído dos filmes do velho Oeste.

Manuel, Ti Manel para quem o conhece, não se preocupa muito com a origem da tradição. "Foi alguém que apareceu aí com essa ideia", comenta, com o desprendimento de quem sabe que há mistérios que só ao tempo pertencem. O que ele sabe é que começou com o pai, "para aí com três anos", e que, nos anos dourados (passe o trocadilho fácil) do garimpo, havia dezenas de pessoas a dedicar-se a esta actividade.

"Há uns 70 anos, a aldeia chegou a ter 120 fogos, eram umas 600 pessoas, muitos andavam no rio à cata do ouro, quando não era tempo da azeitona." Sim, o ouro é mágico, mas aqui nunca foi suficiente para garantir o sustento às famílias, quanto mais trazer-lhes fortuna. Garimpar era uma forma de conseguir algum dinheiro para comprar o que a aldeia não produzia. Numa terra onde toda a gente tem a sua horta e algum gado, o que fazia falta era o pão.

Vinham os cereais de fora e eram transformados em farinha num dos 20 moinhos de água que se alinhavam pelas margens do Ocreza e do Cobrão, conta Manuel, um estranho brilho no olhar e a voz quase embargada. É de pão que fala, não de ouro. O pão era mais importante. Hoje, os moinhos estão em ruínas. E também já não se vê ninguém a peneirar os areões em busca do metal que enfeitiça os homens. Mesmo o Ti Manel já só o faz para mostrar os métodos e truques aos visitantes que por ali passam. O novo ouro da Foz do Cobrão é o turismo.

Um novo fôlego

A aldeia, incluída na Rota das Aldeias do Xisto, é hoje uma sombra do que foi em meados do século passado. Já só há 37 habitantes, a média de idades anda pelos 70 anos. "A última criança nasceu há 38 anos, não há crianças aqui", explica Nuno Coelho, 44 anos, que um dia chegou do Porto para investir no turismo local. Hoje, a Foz do Cobrão é uma aldeia envelhecida, mas a ganhar novo fôlego. É visitada por mais de 6000 pessoas ao ano. Muitas acabam por se estrear nas artes do

garimpo. Só por brincadeira, claro. "Mas depois é difícil arrancá-las de lá, especialmente as mulheres!"

"Há dias em que até penso: "Para que é que saí de Lisboa, se até aqui já há confusão?" É tanta gente que até chateia...", comenta Octávio Catarino, o bem-humorado presidente da Associação dos Amigos da Foz do Cobrão. Passe o exagero, a verdade é que a terra fica a escassos quilómetros da saída da A23 e já tem um bom cardápio de actividades para oferecer a quem gosta de actividades ao ar livre. Mas as caminhadas, a maior colónia de grifos da Península Ibérica, as paisagens grandiosas ou os vestígios arqueológicos não são o prato forte. Irresistível mesmo é aquele brilho amarelado que nos enfeitiça no fundo da bateira.

(…)

https://www.publico.pt/2011/11/06/jornal/o-ultimo-garimpeiro-da-foz-do-cobrao-23348755